

A IMAGEM E A REPRESENTAÇÃO DO CORPO HUMANO NA ANTIGUIDADE E IDADE MÉDIA

IMAGE AND REPRESENTATION OF THE HUMAN BODY IN ANTIQUITY AND MIDDLE AGES

¹ENCARNAÇÃO, A. A.; ²BUENO, L. E. B.

^{1e2} Departamento de Licenciatura em Artes Visuais. Faculdades Integradas de Ourinhos-FIO/FEMM.

RESUMO

O ser humano sempre demonstrou um fascínio pelas imagens. Dentre as imagens produzidas pelo homem, no decorrer de sua história, a representação do corpo humano talvez seja uma das mais aspiradas. Em uma linha cronológica, este estudo faz uma exposição da imagem do corpo humano em algumas civilizações na Antiguidade e na Idade Média. Na Antiguidade há evidência na apresentação do corpo como resultado de misticismo e magia. Na Idade Média as questões sociais e religiosas determinaram como o corpo deveria ser apresentado. As questões religiosas, sociais, espirituais e culturais, que alteraram a forma de representação do corpo humano, influenciaram e influenciam a arte de uma maneira geral, propiciando-nos informações pertinentes sobre o desenvolvimento da nossa história.

Palavras-chave: Arte. Imagem. Corpo Humano. Civilização.

ABSTRACT

Human beings always demonstrated a fascination with images. Among the images produced by man in the course of its history, the representation of the human body may be one of the most vacuued. In a timeline, this study makes a human body image exposure in some civilizations in antiquity and the Middle Ages. In antiquity there is evidence in the presentation of the body as a result of mysticism and magic. In the Middle Ages the social and religious issues determined how the body should be presented. Religious, social, spiritual and cultural issues, which changed the form of representation of the human body, influenced and influence the art in general, providing us relevant information on the development of our history.

Keywords: Art. Image. Human Body. Civilization.

INTRODUÇÃO

O homem, desde uma época remota, sempre demonstrou um fascínio pela representação. Inúmeras são as afirmações de que o ser humano, durante o decorrer da história, manteve uma relação amorosa com as imagens. No entanto, nesse meio imagético há uma representação que exerce uma grande força sobre nós, merecendo neste trabalho um destaque. Uma imagem que se apresenta, na maioria das vezes, com capacidade de inspirar e manipular. Ela por si só pode interferir na maneira como pensamos em relação ao outro e até o que pensamos a respeito de nós mesmos: a imagem do corpo humano.

¹ Licenciado em Artes Visuais.

² Professora Mestra do Curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Será que a imagem do corpo humano, tão ressaltada atualmente, seria também venerada por nossos antepassados? A maneira de representação do corpo humano também acompanhou a evolução do próprio ser humano? As influências sociais e o contexto histórico alteraram a forma do corpo humano nas produções artísticas?

O corpo humano, tão reverenciado atualmente, sempre foi motivo de questionamentos. Para Cavalcanti o corpo é a figura central na representação de si mesmo dentro da cultura:

É no corpo que se inscreve a história humana, seus modos de fazer e sentir, sua humanidade concreta, de sonhos e desejo, de trabalho e invenção, como a representação de si mesmo dentro da cultura. O corpo humano não é só isso, no entanto, mais que o alicerce do homem, é a figura central na representação de si mesmo dentro da cultura. Um lugar, portanto, ideal para se conhecer a si mesmo, e mais profundamente, ser guiado pela sensibilidade da arte. (CAVALCANTI, 2011).

O corpo humano, em forma de representação, pode ser considerado a imagem com maior domínio sobre a vida dos seres humanos. As imagens do corpo humano espalhadas no cotidiano, nas ruas, nas revistas, são fortemente atrativas aos olhares. São imagens que prevalecem na vida e no mundo das Artes.

O presente artigo vem investigar as relações com a representação da imagem do corpo humano na Antiguidade e na Idade Média, fazendo interlocuções com as intenções em torno do contexto social, espiritual ou religioso. O trabalho pretende ainda reconhecer a representação do corpo humano em alguns períodos históricos da humanidade; observar a figura humana como uma fonte de inspiração, bem como as mudanças aparentes nas produções no campo das artes visuais.

Justifica-se esta pesquisa por meio das artes visuais, tendo em vista que a imagem do corpo humano sofreu alterações na sua representação de acordo com as influências de períodos históricos. Influências estas, que propuseram experimentações e novos caminhos no decorrer dos tempos. Sendo o corpo humano fonte de inspiração e inquietação ainda atualmente, é pertinente a construção de um novo olhar sobre o corpo por meio das representações passadas.

METODOLOGIA

A pesquisa vem se desenvolvendo por meio de material bibliográfico considerando como fonte primária o livro “A História da Arte” de Ernst Hans GOMBRICH (1995), obra em que o autor faz um relato sobre os caminhos da arte e

seu contato com o homem. No mesmo contexto o livro “*Tudo Sobre Arte*”, de Stephen FARTHING (1950) também apresenta opiniões, críticas de obras e movimentos do cenário histórico artístico, material pertinente a este estudo.

Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a referida pesquisa é bibliográfica, pois está sendo elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na Internet. É documental, pois a elaboração da mesma será partir de materiais que não receberam tratamento analítico.

DESENVOLVIMENTO

Desde a antiguidade, perceberemos que o corpo representado está presente durante todo processo de desenvolvimento do ser humano. Apesar de, aparentemente serem livres de técnicas elaboradas, as pinturas ou esculturas produzidas no período da pré-história são carregadas de misticismo e magia. Para Gombrich (1995),

É impossível entender esses estranhos começos se não procurarmos penetrar na mente dos povos primitivos e descobrir qual é o gênero de experiência que o faz pensar em imagens com algo poderoso para ser usado e não como algo bonito para contemplar (GOMBRICH, 1995. p.40).

A experiência da representação ou a sombra em forma de um corpo nas paredes das cavernas pode ser relacionada a algo além do belo, havendo relação com algo mágico, poderoso. A necessidade de outro semelhante como superior que o olhe e traga proteção, se estabelece por meio do misticismo. Gombrich (1995), afirma que o nativo origina sua crença em um determinado símbolo “Um mastro de madeira a quem ele deu um simples rosto parece-lhe de totalmente transformado” (GOMBRICH, 1995. p.46). Este mastro, segundo o autor pode possuir, para seu criador, poderes mágicos. Os conhecimentos referentes à representação do corpo humano na pré-história são deduções a partir das próprias imagens. O fato de não haver, nesse período, nenhum registro escrito, dificulta a pesquisa. Graça Proença (2005), afirma que os artistas do Paleolítico Superior (aproximadamente 30.000 a. C.) realizaram algumas esculturas do corpo humano, com predominância para o corpo feminino. Dentre essas esculturas damos destaque à Vênus de Willendorf, encontrada na Áustria, com a cabeça em prolongamento do corpo, seios volumosos e grandes nádegas. É visível a relação de maternidade, fertilidade e procriação do corpo

feminino, por esse apresentar uma aparência avantajada nas regiões dos quadris e seios.

Segundo a mesma autora, a representação do corpo humano começou a ser identificado nas pinturas das paredes das cavernas no final da pré-história, no período reconhecido como Neolítico (por volta do ano 10.000 a.C.), momento no qual o homem deixou de ser nômade e passou a se dedicar a agricultura, domesticando animais.

Os próprios temas da arte mudaram: começaram as representações da vida coletiva. Como as pessoas passaram a ser representadas em suas atividades cotidianas, um novo problema se colocou para o artista: dar a ideia de movimento através da imagem fixa (PROENÇA, 2005. p.14).

A ideia de movimento foi uma preocupação que acompanhou as produções artísticas desse período. Havia necessidade de fazer uma pintura que se aproximasse ao máximo da realidade encontrada além das cavernas.

Com a ideia de se viver em civilização, o Egito (por volta de 2.649 a. C) foi uma sociedade que se organizou por intermédio da arte, da ciência e da magia. Suas crenças eram idealizadas por meio da imortalidade. “O faraó era considerado um ser divino que exercia completo domínio sobre seu povo e que, ao partir deste mundo, voltava para junto dos deuses dos quais viera” (GOMBRICH, 1995. p.55). O autor relata que os artistas egípcios não buscavam ideais de beleza em suas representações do corpo humano, mas a única preocupação era de representar o modelo de vida dentro daquela sociedade.

As estátuas sentadas deviam ter as mãos sobre os joelhos; os homens eram sempre pintados com a pele mais escura do que as mulheres; a aparência de cada deus egípcio era rigorosamente estabelecida (GOMBRICH, 1995. p.65).

A organização da sociedade egípcia se dava através de regras, muitas direcionadas para a representação do corpo humano, estipulando que a imagem do homem deveria ser apresentada de forma bidimensional:

Assim, a reprodução de um indivíduo, por exemplo, era normalmente feita da seguinte forma: cabeça, braços, mãos, pernas e pés eram visto de perfil; já o olho e o tronco eram visto de frente (PIRES, 2005. p.28).

A autora relata essa representação do corpo como “Lei da Frontalidade”, na qual o juízo crítico era exhibir o melhor ângulo do corpo humano.

A produção na Grécia Antiga (por volta de 1.000 a.C.) era desassociada da magia. As manifestações artísticas se voltaram plenamente para o homem como centro de suas ações e vivências. Pires (2005) em seu livro *O Corpo como Suporte da Arte* afirma que a mulher grávida deveria manter seu útero aquecido durante a gestação, assim dando à luz a uma criança do sexo masculino: “Ao indivíduo do sexo masculino era atribuído um calor corporal maior do que o indivíduo do sexo feminino” (PIRES, 2005. p.29). Segundo a autora, o homem deveria conservar seu calor corporal com prática de exercícios físicos, exercitando dentro do ginásio, a origem grega da palavra ginásio, “gymnós” significava desnudo, assim justificando sua hierarquia social. Sobre a veneração do corpo nú, surgem ideologias de beleza e exploração de novos caminhos. Segundo Gombrich (1995), os artistas atenienses, começaram a observar a construção anatômica e a divisões de musculatura:

Os escultores em suas oficinas ensaiaram novas ideias e novos modelos de representação da figura humana, e cada inovação era avidamente adotada por outros, que adicionavam as suas próprias descobertas. Um aprendeu como cinzelar o tronco, outro concluiu que uma estátua vai aparecer mais viva se ambos os pés não estiverem firmemente plantados no chão. Outro ainda descobriria ser possível animar um rosto recurvando simplesmente a boca para cima, de modo a criar uma impressão de sorriso (GOMBRICH, 1995. p.78).

Através da ousadia e experiência, os artistas atenienses conquistaram um caminho que não havia mais volta. Gombrich (1995) afirma que a arte grega inaugura um novo olhar e uma nova maneira de se produzir arte, buscando a superação de seus predecessores, constituiu um novo olhar. O autor relata que através da veneração do corpo, surgem novos caminhos a serem explorados. Assim sendo, podemos pensar que o ideal de beleza, ainda hoje destacado nas mídias, teve seu início na Grécia Antiga.

Os romanos (por volta de 520 e 420 a.C.), apossaram-se dos conhecimentos arquitetônicos gregos para registrar sua história na hierarquia mundial. A Coluna de Trajano foi erguida para comemorar a vitória do Imperador Trajano em Dácia, no qual foram esculpidos corpos que retratariam diversas etapas da guerra. A representação do corpo humano assumiu através da gravura em pedra a função de descrever a história. “Uma reprodução exata dos detalhes e a uma clara narrativa que gravasse as façanhas de uma campanha, impressionando quem ficaria em casa, modificou o caráter de arte” (GOMBRICH, 1995. p.122). O autor relata que as características

artísticas romanas deixaram de lado a harmonia, a beleza, expressão e a imortalidade, dando fim a todo esse mundo primitivo, contornando a arte com total prontidão, chamando-a a ser filha do homem do seu tempo.

Roma (311 d.C.), e logo depois o cristianismo modificaram os valores, a respeito da imagem do corpo. Toda representação naturalista atraente e sedutora se encerra, depositando a regra de resguardo para purificação do espírito. O objetivo da arte, neste momento, era de desapego do corpo como identidade, não tendo mais fundamento, visto que todos os seres são iguais perante os olhos de Deus: "Porque para com Deus não há acepção de pessoas" (ROMANOS, 2 Versículo, 11). Pires (2005) relata que os artistas romanos deveriam carregar consigo a preocupação, em produzir uma imagem, sendo natural sem cair na trivialidade, ou a menor sombra de adulação a ela.

Nesse período, a beleza física não era cultuada e qualquer coisa que invocasse a libido deveria ser censurada. O corpo deixa de ser retratado nú e passa a ser representado de forma bem mais realista -além de não utilizar retoques para embelezar o indivíduo, o artista enfatiza a geometria, as estruturas simétricas bilaterais e as proporções dimensionais (PIRES, 2005. p. 35).

A autora afirma que as produções pictóricas romanas deixam de lado o conceito de '*Beleza*'. Era aconselhado que o que não fosse relevante não teria mais necessidades de ser usado, já que a proposta empregada era um ensinamento na passagem de vida e glória de Deus. Gombrich (1995) aponta uma ideia que tem grande importância sobre essa época, referindo-se ao Papa Gregório Magno, que disse: "A pintura pode fazer pelo analfabeto o que a escrita faz pelos que sabem ler". A narrativa do autor esclarece que o uso da imagem seria necessário. Mas a importância de se representar o corpo não se basearia na perfeição e cópia da realidade.

Com a queda do Império Romano do Ocidente, em 476 d.C., se iniciou um período conhecido como Idade Média (século V ao XV). Neste momento, rico em novidades, nos deparamos com o Renascimento (1300-1650). O corpo humano foi apresentado como valorização da ciência e da racionalidade, em oposição ao divino e sobrenatural. Leonardo da Vinci (1452-1519) acreditava que os artistas renascentistas deveriam ser exploradores mais intensos e compreensivos do mundo visível: "A exploração da natureza era para ele, em primeiro lugar acima de tudo, um meio de adquirir conhecimentos sobre o mundo visível – conhecimentos de que

necessária para sua arte” (GOMBRICH, 1995. p.294).

O autor relata que a curiosidade pela origem da vida, levou a Leonardo Da Vinci (1452-1519) a estudar os segredos do corpo humano, dissecando corpos para reproduções de estudos anatômicos: “Foi um dos primeiros a se aprofundar nos mistérios do crescimento da criança no ventre materno” (GOMBRICH, 1995. p.294). Proença (2005) em seu livro *Descobrimo a História da Arte*, refere-se ao empenho do artista em suas produções de alto realismo: “É importante, porém, que, ao olhar seus desenhos, não esqueçamos que, na época, os estudos científicos de anatomia humana estavam apenas começando” (PROENÇA, 2005. p.78). A autora ressalta o grau de importância e contribuição que a representação do corpo humano trouxe para a ciência e estudos de medicina.

A igreja Católica no século XVII sofreu uma intensa ruptura, com a perda de muitos fiéis para o Protestantismo, necessitando haver uma reforma e renovação das imagens que enfatizassem as suas pregações. “A divulgação dos ideais religiosos por meio das imagens, com mais exatidão na representação de narrativas bíblicas e com obras que poderiam despertar um fervor religioso renovado” (FARTHING, 1950. p.213). Segundo o autor relata, essa nova abordagem católica teria que representar o corpo humano contendo a relação mais próxima do homem e o Divino, apresentando cenas carregadas de dramaticidade e uso abundante de luz e sombras.

Caravaggio (1517-1610)

um pintor representativo do movimento barroco, era reconhecido por retratar o homem próxima à verdade em cenas ousadas que apresentavam suspense sobre um alto nível de realismo, considerado como mestre da dramaticidade: “O que ele queria era a verdade. A verdade tal como podia vê-la. Não lhe agradava os modelos clássicos nem tinha o menor respeito pela ‘beleza ideal’” (GOMBRICH, 1995. p.392). O autor ressalta a dramaticidade de Caravaggio (1571-1610) sendo representada pelo corpo humano na obra *Tomé, o Incrédulo*, uma releitura do trecho da Bíblia: “Põe aqui o teu dedo, e vê as minhas mãos; aproxima também a tua mão, e põe-na no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente” (S.JOÃO 20, Versículo, 27). Gombrich (1995) cita como esta representação do corpo chocou os paradigmas religiosos habituados por apresentar simples trabalhadores de idade avançada e maltrapilhos.

Filósofos do Iluminismo, negando todo pensamento teológico, instalaram pela Europa (século XVIII) a era da razão. Passando a influenciar os artistas pelo interesse da história humana, começa-se a representar o corpo humano através de temáticas

heroicas. “Em sua forma básica, o movimento buscava reviver o espírito das grandes civilizações da Grécia e de Roma” (FARTHING, 1950. p.260). Segundo o autor, a obra “A Morte de Sócrates” (1787), do pintor Jacques-Louis David (1748-1825) é um exemplo de temática heroica entre as formas mais clássicas de representar a figura do homem dentro do movimento neoclássico. Representando a coragem necessária do homem em seu auto-sacrifício perante seus ideais. Farthing (1950) relata:

O filósofo grego Sócrates (469-399 a.C.) foi um dos maiores nomes do mundo antigo. Sua visão de mundo severa e digna foi extremamente influente, ainda que suas opiniões controversas frequentemente o colocassem em conflito com as autoridades. Em 399 a.C., ele foi julgado e condenado por corromper as mentes dos jovens atenienses. Sócrates poderia ter evitado esse destino se desmentisse suas crenças e se exilasse, mas ele se recusou a corromper seus ideais e optou por morrer (FARTHING, 1950. p.262).

O autor relata que o neoclassicismo ilustrou diversas imagens que reviviam dias de glória da humanidade, carregando o idealismo político de seu movimento histórico através das representações do corpo humano. O

Romantismo (século XVII) foi o viés de fuga da realidade e abriu as portas da imaginação por toda a Europa. Representou um corpo de aparência onírica através de inspirações literárias e da música: “Para eles, o mundo “interior” dos artistas era o conteúdo da esfera romântica” (FARTHING, 1950. p.266). Segundo o autor, as representações do corpo humano no romantismo, são composições do mundo interior imaginário, como a obra *O Pesadelo* (1781) do pintor Henry Fuselli (1741-1825), representando um delicado corpo feminino em submissão ao seu pesadelo, tendo sobre seu corpo um demônio que encara o espectador: “O movimento romântico enfatiza a exasperação das emoções, a turbulência da psicologia humana e a força terrível da natureza – muito maior e mais poderosa do que a própria humanidade” (FARTHING, 1950. p.267). O autor sugere que a reprodução do corpo humano, dentro dos cenários artísticos, são manifestações poéticas de homens que persistiram e interrogam suas convicções para superá-las, criando assim novas possibilidades e perspectivas para esse corpo humano representado no imerso mundo das artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O corpo humano, atualmente apresentado nas mídias e nas obras de arte, teve sua representação em toda história da humanidade. Nossos ancestrais produziam a imagem como forma de domínio, comunicação e registro, mantendo uma relação

mística, quase mágica com as imagens. Durante as civilizações do Egito, Grécia e Roma, o corpo não só foi representado, como também obteve características bem pontuais próprias de cada cultura. Na Idade Média a representação do corpo também se moldou de acordo com as normas religiosas vigentes na época. E no começo da efervescência modernista com temáticas políticas da época, a representação do corpo humano no Neoclassicismo toma como revigoramento da história humana e suas conquistas, mais tarde os artistas abandonam todas essas inspirações racionalistas. O Romantismo usufrui-a da literatura, música e poesia para representar o corpo humano em um estado onírico.

Enfim, podemos ousar dizer que, apesar do corpo humano ser uma evidência nos dias atuais, sua reprodução imagética não foi inferior na Antiguidade e na Idade Média. A representação do corpo humano como imagem também acompanhou o desenvolvimento do próprio ser humano, assim como as influências sociais e o contexto histórico alteraram sua forma de representação.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. PORTUGUÊS. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 19.

CAVALCANTI, J. DIAS. **A Imagem do Corpo na História da Arte: Do Corpo Construído ao Corpo Destruído**, 2011. Disponível em: <<http://www.uel.br/eventos/eneimagem/anais2011/trabalhos/pdf/Jardel%20Dias%20Cavalcanti.pdf>> Acesso em 6 de julho de 2016.

FARTHING, STEPHEN. **Tudo sobre arte**. Rio de Janeiro: Sextante, 2011.

GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1995.

PIRES, B. F. **O Corpo como Suporte da Arte: Piercing, implante, escarificação, tatuagem**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

PROENÇA, GRAÇA. **Descobrimos a história da arte**. São Paulo: Ática, 2005.